



”Acervo da Casa da Memória / Diretoria do Patrimônio Cultural / Fundação Cultural de Curitiba”, Coleção Júlia Wanderley – Original proveniente do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense.

6 DE JANEIRO DE 1916 OS ESCOTEIROS NO TEATRO DA NATUREZA

JOÃO ALBERTO BORDIGNON

BOLETIM HISTÓRICO Nº 5 - Junho - 2020

Nos anos de 1912 e 1913 os jornais de todo o país deram destaque aos crimes e à perseguição aos bandidos franceses do chamado “Bando de Bonnot”. Estes criminosos, considerados anarquistas, eram extremamente ousados e utilizavam meios novos para os seus crimes, como por exemplo o uso de um automóvel. Segundo notícias da época, um automóvel é utilizado pela primeira vez como carro de fuga de um crime. O veículo utilizado foi uma Limousine Delauney-Belleville, de 12CV, modelo 1910.

Em 1915, o artista e intelectual paranaense Paulo D’Assumpção, que era o diretor da Escola Federal de Aprendizes Artífices, mais tarde Escola Técnica Federal, e presidente do Paraná Sport Club, escreveu uma peça, “Bennot”(-com “e”), inspirada nos bandidos franceses, para a comemoração do dia 19 de dezembro, data da emancipação política do Paraná. A peça, uma espécie de ópera ao ar livre, chamada na época de cinemadrama, foi programada para ser realizada no “ground” (campo) do Paraná Sport Club, sediado no famoso bosque Providência, no bairro do Batel, de propriedade do empresário Ernesto Bengtsson, dono da Cervejaria Providência.

Um pouco da história do local

O Paraná Sport Club foi um clube de futebol fundado em Curitiba em 1910, que durou até 1926 e que é citado como o primeiro a ter campo próprio em Curitiba. Os demais jogavam no Jockey Club. Com a extinção do Paraná Sport Club, o campo passou a ser usado pelo Palestra Itália Futebol Clube. Na década de 1930 o Palestra construiu um novo estádio no Tarumã e o local passou a ser utilizado pelo Towarzystwo Wychowania Fizycznego Junak (Sociedade de Educação Física Junak), mais tarde Sociedade Educação Física Juventus, que em 1947 comprou o estádio. Com a extinção do departamento de futebol da Juventus, o estádio foi parcialmente demolido e readaptado para ser a sede da Sociedade União Juventus. Em 2006 o local foi destruído por completo por um incêndio. Atualmente (2020) o local é ocupado por um hipermercado da rede Anjeloni.

A apresentação, inicialmente prevista para o dia 19 de dezembro de 1915, dia de comemoração da emancipação política do Paraná, foi transferida, devido ao mau tempo, para o dia 6 de janeiro de 1916, um feriado à época (Dia de Reis). O evento foi fartamente noticiado nos jornais de Curitiba, pois o promotor Paulo D’Assumpção ofereceu um prêmio para a melhor reportagem sobre a festa.

A peça movimentou a cidade, pois além dos artistas (amadores), cantores, orquestra, bombeiros, envolveu também os escoteiros de Curitiba, que tinham pouco mais de um mês de existência. Além do espetáculo, que teve até um “chalet” que foi incendiado, houve uma perseguição policial pela cidade, com carros em alta velocidade (80km/h), cavalos, bicicletas e motocicletas.

Um resumo da peça é o seguinte:

No centro do campo, está montado um chalé (foto da capa), que inicialmente está vazio.

Chega um automóvel com os moradores da casa, a condessa Bianca e seu filho Armando e esposa, que são recebidos pelo jardineiro. Segue-os em uma bicicleta o apache Bennot (apaches, eram chamados os bandidos de rua franceses, do início do século XX).

Armando e Clotilde, a esposa, vão dar um passeio a cavalo. Uma cigana, comparsa de Bennot, lê a sorte de Armando e depois se aproxima da casa. Canta a valsa “Amor de Cigana” de Franz Lehar. A cigana se afasta, após ter recebido uma gorjeta e vai avisar os bandidos. O jardineiro canta a canção “Che gelida manina” de La Bohème de Puccini. Clotilde canta a ária “In quelle trine morbide” de Manon Lescaut, também de Puccini.

Um assobio corta os ares e os apaches se aproximam da casa e a assaltam. A condessa Bianca é amarrada e amordaçada e levada para o interior da casa. Os dois esposos retornam e também são assaltados. Tiros são disparados. Armando morre e Clotilde fica ferida. Ela também é amarrada e conduzida para o interior da casa que é incendiada.

O velho jardineiro, que se aproxima, também é atacado e morto a tiros.

Um automóvel esperava os bandidos que fogem. Um motociclista que passa dá o alarme para o corpo de bombeiros, que chega poucos minutos depois. Os detetives, também em automóvel, saem em perseguição aos “apaches”.

Os escoteiros antecedem os bombeiros e procedem ao salvamento das senhoras e ao transporte dos mortos.

Os bombeiros, ao som de clarim e apitos, usam mangueiras para apagar o incêndio. Depois fazem demonstrações e exercícios para o público.

Simultaneamente, pela cidade, ocorria a perseguição aos bandidos.

Os automóveis saíram do campo do Paraná, seguiram pela Avenida do Batel, Alto da Água Verde, Rua Visconde de Guarapuava, Avenida Rio Branco, Praça Municipal (Generoso Marques), Praça Tiradentes, rua Cruz Machado, Rua Ébano Pereira, Saldanha Marinho, Rua Visconde de Nácar, Avenida Vicente Machado e Campo do Paraná Sport Club.

Quando os bombeiros terminam os exercícios os automóveis retornam. Os bandidos abandonam os automóveis e procuram fugir pelo bosque. São alvejados pelos policiais. Bonnot e um dos seus asseclas são mortos e dois detetives são feridos.

FIM

Antes do início da apresentação ocorreu um corso (desfile) de carros (puxados por cavalos) e automóveis e uma batalha de flores, que eram arremessadas de um veículo a outro. Um dos jornais contou 107 veículos. Entre outros, estavam presentes com suas famílias:

De automóvel

Desembargador Vieira Cavalcanti, Desembargador Euclides Bevilacqua, Dr. Eneas Marques, Dr. Albano Reis, Dr. Victor do Amaral, Tenente Coronel Menna Barreto (pai de dois escoteiros), e outros.

De carro

Carlos Cavalcanti de Albuquerque (presidente do Estado), Capitão Gasparino de Oliveira (presidente do Tiro Rio Branco, que abrigava os escoteiros), Tenente Braulio Lima (do Tiro Rio Branco), Romário Martins (pai de escoteiro), Dr. Candido Ferreira de Abreu (prefeito de Curitiba), José Eurípedes Gonçalves (pai de dois escoteiros), e outros.

A cavalo

Coronel Fabriciano do Rego Barros, Coronel Paulo Assumpção (o autor) e outros.

Uma segunda apresentação foi marcada para o mesmo local, no domingo 23 de janeiro de 1916.



Em São Paulo a Empresa Theatral de Variedades, levou a efeito uma apresentação da peça, no Jockey-Club, “em benefício da Comissão Regional de Escoteiros” e em homenagem à colônia italiana. A Comissão Regional de São Paulo era a entidade local da Associação Brasileira de Escoteiros – ABE, na capital do estado.

Os escoteiros paulistas representaram a mesma parte no salvamento das vítimas, como tinham feito os escoteiros de Curitiba. Também foram realizadas duas apresentações, uma em 20 de setembro, data de comemoração da unificação italiana, e outra em 24 de setembro de 1916, um domingo. No dia 20, foram realizadas festas, em São Paulo, pela colônia italiana, inclusive com muitas dispensas dos empregados para participar.

REVISTA FON-FON

A revista Fon-Fon, publicada no Rio de Janeiro, de 19 de fevereiro de 1916, apresenta uma página com fotos dos bombeiros, de alguns dos artistas e do autor da peça, este dentro de um círculo na parte superior direita.

O “apache” Bonnot, representado pelo amador José Bilton, aparece na parte inferior esquerda. A Marqueza de Atravant (Clotilde), representada por Mary Wanda tem a sua fotografia apresentada na parte inferior central. Na parte inferior direita aparece a cigana.



Os escoteiros, que aparecem no detalhe da foto da capa, são vistos no trabalho de salvamento dos feridos, enquanto os bombeiros apagam o incêndio.



Do jornal “Diário da Tarde” editado em Curitiba em 7 de janeiro de 1916, referindo-se ao “Theatro da Natureza” realizado no dia 6 de janeiro de 1916:

Felizmente, nas circunvizinhanças do local, estava uma guarnição de escoteiros, da companhia anexa ao Tiro Rio Branco, dirigida pelo esforçado tenente Newton Guimarães, tendo como guia o moço João Groff e por chefes dos 3 pelotões os jovens Liguaru do Espírito Santo, Waldemiro Menna Barreto e Carlos de Souza Natel.

Serviam ainda nesta guarnição como chefes de patrulha os moços Alceu Albuquerque, Flavio Lisboa e Ivahy Martins e compunha-se ella dos seguintes escoteiros:

João Gomes Pereira, Adriano Robine, João Ink, Estanislaw Warchalowski, Luiz Warchalowski, Antonio Licheski, João Pinto, Ildefonso Oliveira, Euclides Machado, João Cordeiro Vianna, José Carlos Taborda, Narciso Guimarães, Rodovalho Rocha, Alderico Cordeiro Vianna, Aminthas Garcia, Orlando Teixeira de Carvalho, Matheo Feldima, José Gonçalves Filho.

Exercitava-se ella sob a instrucção do acadêmico Henrique Moreira.

Attrahida pelo fumo que se elevava ás nuvens, eles, no cumprimento dos deveres árduos impostos a essa humanitaria e patriótica corporação, correm pressurosos. Topando com a scena horrivel que se desenrola aos seus olhos, os nossos jovens, brilhantemente, do modo o mais perfeito, socorrem as victimas – o jardineiro que jazia exanime de um lado do campo; do outro o conde Armando, sem vida também, e as condessas que são retiradas da casa, que vae aos poucos desaparecendo na voragem das chamas. (sic)

Já o jornal “A República”, do dia 7 de janeiro de 1916, apresenta assim o relatório da participação dos escoteiros:

A acção dos Bombeiros e do garboso pelotão de escoteiros agiram de maneira a grangear entusiasticos applausos.

Compunham o pelotão de escoteiros os valentes rapazes:

Chefes de Pelotão: Liguarú Espírito Santo, Waldemar Menna Barreto e Carlos de Souza Natel.

Chefes de Patrulha: Alceu Albuquerque, Flavio Lisboa, Ivahy Martins.

Escoteiros: João Gomes Pereira, Adriano Robine, Estanislaw Warchalowski, Luiz Warchalowski, Antonio Licheski, João Pinto, Ildefonso Oliveira, Euclides Machado, João Cordeiro Vianna, José Carlos Taborda, Narciso Guimarães, Rodovalho Rocha, Alderico Cordeiro Vianna, Aminthas Garcia, Orlando Teixeira de Carvalho, Mateo Feldman, José Gonçalves Filho.

Os escoteiros trabalharam sob a direcção do boy-scout belga, Henrique Estrella Moreira e do 1º tenente Newton Guimarães, como seu ajudante de campo o chefe de patrulha Manoel de Abreu.

As macas foram feitas pelos chefes de patrulha Alceu de Albuquerque, Ivahy Martins, Flavio Lisboa e os escoteiros João Gomes Pereira, Antonio Licheski, Luiz Warchalowski. Tendo a primeira turma sob o chefe de pelotão Liguarú Espírito Santo; e a segunda sob o chefe de pelotão Waldemar Menna Barreto, prestado os primeiros curativos aos feridos e primeiras informações aos detetives. (sic)

Os conhecimentos de primeiros socorros e o transporte de feridos eram temas abordados nos dois manuais citados como tendo sido utilizados pelos primeiros escoteiros curitibanos: a tradução portuguesa do Escotismo para Rapazes (Manual do Escoteiro) e o manual francês “Le Livre de l’Éclaireur”, do Capitão Royet. Os dois abordavam a acção dos escoteiros num incêndio, o salvamento, a confecção de macas e o transporte de feridos. Alguns desses temas eram também “provas” a serem cumpridas para os distintivos de Segunda Classe e Primeira Classe. (Ver o Boletim Histórico nº 2 – Março de 2020).

Se você se interessa pela história do escotismo e tem algo a colaborar com o esforço de recuperação da memória do escotismo paranaense, ou conhece alguém que se interessa, escreva para o e-mail historia@escoteirospr.org.br.

Pesquisa e Produção:
João Alberto Bordignon e Ernani Costa Straube

Revisão:
Fernando Gerlach

Escoteiros do Brasil - Região do Paraná
Rua Ermelino de Leão, 492 - São Francisco
CEP 80410-230 - Curitiba - PR
(41) 3323-1031